

MEAD, George Herbert. Tradução de Raoni Borges Barbosa. O self e o processo de reflexividade. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v.17, n. 49, p. 55-69, abril de 2018 ISSN 1676-8965

**ARTIGO**

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

## O Self e o processo de reflexividade

### The Self and the Process of Reflection

*George Herbert Mead*

Tradução de *Raoni Borges Barbosa*

Recebido em: 20.01.2018

Aceito em: 30.01.2018

**Resumo:** Neste ensaio, Mead reúne vários insights teóricos sobre o processo de reflexividade emergente no animal humano, - ao longo do processo social de formação da sua individualidade e agência interativa, - definido como mente. Mead, nesse sentido, discute o conceito de self e a diferença deste fenômeno de objetificação de si mesmo sob o olhar do outro relacional, e a partir da emulação deste outro relacional, do indivíduo biológico que, enquanto sujeito, é também capaz de enxergar a si, ao outro, e ao ambiente social como objetos da interação. Conceitos como personalidade, reflexividade, self, indivíduo biológico, mecânica da conduta humana, performance individual lúdica como brincadeira egocentrada e como jogo interativo, entre outros, compõem o esquema analítico abordado nesse ousado ensaio sobre o processo de constituição de si e do outro no jogo social. **Palavras-chave:** self, reflexividade, mente, conduta humana, personalidade

**Abstract:** In this essay, Mead brings together many theoretical insights about the process of reflexivity and its arising in the human animal, - throughout the social process of forming his individuality and interactive agency, - defined as mind. Mead, in this sense, discusses the concept of self as also the difference of this phenomenon of objectification of itself under the gaze of the relational other, and from the emulation of this relational other, of the biological individual who, as a subject, is also able to see himself, the other, and the social environment as objects of interaction. Concepts such as personality, reflexivity, self, biological individual, mechanics of human conduct, play and game, among others, make up the analytical scheme approached in this daring essay about the process of constitution of self and the other without game Social. **Keywords:** self, reflexivity, mind, human conduct, personality

O processo de reflexão em si emerge no comportamento social<sup>1</sup>. Este processo deveria primeiramente ser enquadrado em seu contorno mais simples. Isto implica, tal como já pontuei<sup>2</sup>, em algum prejuízo para o ato, especialmente aquele devido aos impulsos mutuamente inibitórios. O impulso de avançar na direção de alimento ou água é verificado por um impulso em preservar-se ou em retirar diante de uma evidência de perigo ou um sinal proibindo a transgressão. A atitude do animal mais inferior ao humano sob estes

---

<sup>1</sup> Ensaio III, suplementar e incompleto, retirado da obra *Mind Self and Society from the Standpoint of a Social Behaviorist*. Editado por Charles W. Morris e publicado em Chicago pela editora da University of Chicago, em 1934, p. 354-378. Nota traduzida livremente do original.

<sup>2</sup> Mead se refere aos capítulos anteriores do seu livro *Mind Self and Society from the Standpoint of a Social Behaviorist*.

condições é aquela de avançar e de retirar-se – um processo que pode por si conduzir a alguma solução sem reflexão. Os gatos em uma caixa de armadilha encontram, com e feito, mediante movimentos erráticos contínuos, por fim, o pulo que os põe em liberdade; mas a solução encontrada não é reflexiva, muito embora a repetição contínua pode ao menos registra esta reação, de modo que o gato experienciado poderá libertar-se de uma vez, quando novamente posto em uma caixa de armadilha. Uma parte considerável da habilidade humana acumulada em brincadeiras, no exercício de instrumentos musicais ou na obtenção, de forma geral, de ajustamentos musculares para situações novas, é adquirida mediante este procedimento de tentativa e erro.

Neste procedimento cada um dos impulsos em oposição, um após o outro, é dominante, ganhando expressão até o ponto em que é definitivamente verificado pelo impulso ou pelos impulsos em oposição. Um cachorro aproximando-se de um estrangeiro que o oferece carne pode alcançá-lo, e então, sob o acúmulo de estímulos de estranheza do homem, pode subitamente evadir-se rosnando e latindo. Tal oscilação entre impulsos em oposição pode perdurar por algum tempo, até, depois da exaustão recíproca, eles cedem oportunidade para outros impulsos e seus respectivos estímulos deixam inteiramente o campo presente. Ou então muitas destas abordagens e repetição trazem ainda ao jogo outros elementos nos objetos, provocando outros impulsos que podem, assim, solucionar o problema. Uma aproximação mais ousada em relação ao estranho pode revelar um odor familiar de um humano e banir o estímulo que liberou o impulso de fuga e hostilidade. Em outro exemplo citado – aquela dos gatos na caixa de armadilha – um ato impulsivo depois de outro finalmente conduz acidentalmente ao desenvolvimento do pulo. O jogo hesitante, desconfortável e torpe do iniciante em tênis ou na prática do violino são exemplos de uma mesa coisa na conduta humana; e aqui somos capazes de lembrar-se do jogador em si quando afirma que aprende sem saber como aprende. Ele acha que uma nova situação aparece para ele, que ele não reconheceu no passado. A posição do seu oponente e o ângulo da bola, aproximando-se, subitamente se torna importantes para ele. Estas situações objetivas não tinham existido para ele no passado. Ele não as desenvolveu sobre qualquer teoria. Elas simplesmente estão lá, não obstante no passado não estivessem em sua experiência; e a introspecção mostra que ele as reconhece mediante uma prontidão para um novo tipo de resposta. Sua atenção é chamada para estas situações por suas próprias atitudes mobilizadoras. Ele está logrando o que ele chama de ‘forma’. De fato, ‘forma’ é um sentimento em relação àquelas atitudes mobilizadoras mediante as quais nós nos sensibilizamos para os estímulos que provocam as respostas buscando expressão. O todo é um processo não refletido em que os impulsos e seus objetos correspondentes estão lá ou não. A reorganização do campo objetivo e dos impulsos conflitantes ocorre na experiência. Quando isto ocorre, é registrado em novos objetos e novas atitudes, e, para a discussão atual, podemos adiar a maneira como esta reorganização ocorre. As explicações correntes em termos de tentativa e erro, registradas internamente como reações bem sucedidas e como eliminação de reações mal sucedidas, assim como o poder seletivo do prazer gerado pelo sucesso e a dor causada pelo fracasso não provaram ser satisfatoriamente convincentes, mas estes processos repousam fora do campo de reflexão e não precisam nos ocupar por então.

Como exemplo de reflexividade simples podemos tomar a abertura de uma gaveta que se recusa a ceder a repetidos puxões de energia sempre crescente. Em vez de o self de um indivíduo qualquer render-se ao esforço de gastar toda a sua força até que ele possa ter puxado para fora as próprias alças, o indivíduo exercita sua inteligência ao localizar, se possível, a resistência, identificando possibilidades de abertura deste ou daquele lado, e usando sua força no ponto em que a resistência é maior, ou transportando-se a um modelo imaginário dos conteúdos da gaveta e removendo-a para cima de modo que possa retirar o

obstáculo que tem frustrado seus esforços. Neste procedimento, a diferença central em relação a aquele método que temos considerado se encontra na análise do objeto. A gaveta deixa, por algum tempo, de ser meramente algo a ser pressionado. É um objeto de madeira composto por diferentes partes, algumas das quais podem estar mais danificadas que outras. É também um receptáculo lotado de objetos que podem ter sido projetados contra o enquadramento contenedor. Esta análise, contudo, não nos retira do campo dos impulsos. O homem está operando com duas mãos. Um senso de maior resistência de um lado, mais do que do outro, conduz a um esforço reforçado onde a resistência é a maior. A imagem projetiva dos conteúdos da gaveta responde à tendência de expulsar para fora o obstáculo ofensivo. O mecanismo de percepção ordinária, em que as tendências da pessoa a agir conduzem-na a considerar os objetos que permitirão o livre jogo a estas mesmas tendências, é bastante competente para lidar com o problema, em caso de ele poder apenas assegurar um campo comportamental com o qual as partes do objeto unitário podem responder às partes da reação organizada. Tal campo não é aquele da ação aberta, - para o qual as diferentes sugestões aparecem como hipóteses concorrentes do melhor plano de ataque, - e deve ser associado a cada um dos demais de modo a formar parte de algum tipo de um novo todo.

A mera inibição dos impulsos conflitantes não provê tal campo comportamental. Isto pode nos deixar com objetos que simplesmente negam cada um dos demais – uma gaveta que não é uma gaveta, desde que ela não possa ser desenhada, um indivíduo que é tanto um inimigo quanto um amigo, ou uma estrada que não é uma via; e nós podemos simplesmente curvar-nos ao inevitável, enquanto a atenção se desloca para outros campos de ação. Tampouco estamos em condição de prever a mente, como o lócus para a reflexão – uma mente que em certo estágio na evolução está lá, um céu – um recurso interno dado pronto para equipar o humano com uma nova técnica de vida. Nosso empreendimento consiste em explorar o desenvolvimento da mente em relação ao comportamento que não compreende em si nenhum pensamento, e que pertence inteiramente a um mundo de objetos imediatos e reações imediatas a objetos. Se tal fenômeno é uma evolução em relação ao comportamento, deve ser entendido da maneira em que concebemos o comportamento ocorrendo em formas de vida, ou seja, cada passo do processo deve ser um ato em que um impulso assume expressão através de um objeto em um campo de percepção. Pode ser novamente necessário fazer um aviso prévio contra o simples convencimento de que experiências geradas sob a própria pele produzem um mundo interno em cujo interior alguma reflexão, de modo obscuro, pode emergir; e contra a perspectiva de que o corpo do indivíduo enquanto objeto perceptivo produz um centro para o qual as experiências podem ser arquivadas, muito embora ao criar um campo privado e psicológico o corpo tem em si o gérmen da representação e da reflexividade. Uma cólica ou uma topada não geram reflexividade, tampouco prazeres e sofrimentos, sentimentos ou humores, constituem conteúdos psicológicos internos, inevitavelmente associados ao self, ainda que componham um mundo interno em que pensamentos próprios podem emergir. A reflexividade, como descrita acima, envolve duas atitudes: uma de indicação de uma configuração nova do objeto que provoca impulsos conflitantes (análise); e a outra de organizar a reação em direção ao objeto, assim percebido, que o indivíduo indica para si a reação assim como pode indicar para ou outro da relação (representação). As atividades diretas das quais resulta o pensamento são atos sociais, e presumivelmente encontram suas expressões primeiras em respostas sociais primitivas. É pertinente, então, considerar primeiramente as formas mais simples de conduta social e retornar à reflexividade quando tivermos aprendido se tal conduta oferece um campo e um método para a reflexividade.

A conduta social de qualquer indivíduo pode ser definida como a conduta emergindo dos impulsos cujos estímulos específicos são encontrados em outros indivíduos

pertencentes ao mesmo grupo biológico. Estes estímulos podem recorrer a qualquer dos órgãos sensoriais, mas há uma classe de tais estímulos que necessitam ser especialmente percebidos e enfatizados. Estas são as atitudes mobilizadoras e os estágios iniciais nos movimentos de outros indivíduos que governam as reações do indivíduo em questão. Eles tem sido em grande parte negligenciados pela psicologia comparada; ou quando discutidos, como tem sido, por Darwin, Piderit, e Wundt, eles tem sido tratados como afetando não diretamente outros indivíduos, mas através de sua expressão de sentimentos, de intenção, ou de ideia; isto é, eles não tem sido reconhecidos como estímulos específicos, mas como estímulos secundários e derivados. Qualquer um, porém, que estude o que pode ser chamado de ‘conversação de atitudes’ de cães se preparando para uma luta, ou os enfrentamentos de crianças e suas mães, ou os movimentos mútuos de animais de manda, reconhecerá que os inícios dos fatos sociais provocam respostas instintivas ou impulsivas tão imediatamente como faz o animal formas, odores, contatos, ou choros. Wundt tem feito um grande serviço em trazer estes estímulos sob o termo geral dos gestos, muito embora situando os sons emitidos desenvolvidos em linguagem de significados articulados no humano nesta classe, como gestos vocais. Outro comentário deveria ser feito sobre o conceito de conduta social. Isto não deve ser confinado em reações mútuas de indivíduos cuja conduta aceita, conserva, e serve aos outros. Isto deve incluir também os inimigos dos animais. Para os propósitos da conduta social, o tigre é tão parte da sociedade da selva como o búfalo ou o cervo. No desenvolvimento do grupo concebido mais estritamente, os instintos ou impulsos de hostilidade e fuga, juntamente com os gestos que representam seus estágios iniciais, desempenham papéis mais importantes, não apenas na proteção da mutualidade de formas solidárias, mas na conduta destas formas em direção a cada outro. Tampouco é prescindível enfatizar que na evolução das formas animais no interior do processo vital o caçador e a caça, o devorador e o devorado, são tão intrincados como são a mãe e a criança ou os indivíduos dos dois sexos.

Entre as formas inferiores, a conduta social está implicada nos instintos de ataque e fuga, de sexo, parentesco e infância, naqueles de animais de manada (muito embora estes são algo vago em seus contornos), e provavelmente na construção de habitats. Em todos estes processos, as formas em si, seus movimentos, especialmente as fases iniciais destes movimentos para ao ajustamento em relação à ação de outro animal, a primeira indicação de reação iminente é da maior importância e os sons que eles emitem servem como estímulos específicos para os impulsos sociais. As respostas são tão imediatas e objetivas em sua configuração quanto são as respostas aos estímulos físicos não-sociais. Indiferente o quão complexa e intrincada esta conduta possa tornar-se, como na vida da abelha e da formiga, ou na construção de habitats como aqueles do castor, nenhuma evidência convincente tem sido produzida por observadores competentes de animais de que um animal oferece a outro uma indicação de um objeto ou ação que seja registrado no que nós temos definido como ‘mente’; em outras palavras, não há evidência de que uma forma seja capaz de transmitir informação em gestos significantes em uma outra forma. A fera que responde diretamente a objetos externos, e presumivelmente também à imaginação, não tem passado ou futuro, não tem self como um objeto no mundo, não tem mente como acima descrito, é capaz de nenhuma reflexividade, tampouco de uma ‘conduta racional’ como correntemente definida pelo termo geralmente em uso.

Encontramos entre os pássaros um fenômeno curioso. Os pássaros fazem um uso extensivo dos gestos vocais em sua conduta sexual e parental. O gesto vocal tem em um grau peculiar o caráter de possivelmente afetar diretamente o animal que o utiliza, assim como faz outra forma. Disto não resulta obviamente que este efeito será realizado; se este efeito é ou não realizado depende da presença de impulsos que requerem o estímulo para liberá-los. Na vida social comum dos animais o impulso de uma forma não seria fazer o

que estimula outra forma a fazer, de modo que mesmo se o estímulo fosse de tal configuração como para afetar o órgão sensitivo do indivíduo em si como o do outro relacional, o estímulo normalmente não teria um efeito direto sobre a sua conduta. Há, contudo, alguma evidência de que isto ocorre no caso dos pássaros. É difícil acreditar que o pássaro não estimula a si mesmo para cantar com suas próprias notas.

Se um pássaro *a* através do seu canto provoca uma resposta no pássaro *b*, e o pássaro *b* não apenas responde através de um canto que provoca uma resposta no pássaro *a*, mas tem em seu próprio organismo uma atitude que encontra expressão no mesmo canto que o pássaro *a* emitiu, o pássaro *b* terá estimulado a si mesmo a emitir o mesmo canto que provocou no pássaro *a*. Isto implica em atitudes semelhantes buscando expressão em dois pássaros e cantos semelhantes expressando estas atitudes. Se este fosse o caso e um pássaro cantasse frequentemente quando da audição de outro, isto poderia resultar em cantos e melodias comuns. É importante reconhecer que tal processo não é o que é comumente chamado 'imitação'. O pássaro *b* não encontra no canto do pássaro *a* um estímulo para emitir o mesmo canto. Pelo contrário, a suposição aqui é que sua réplica para o pássaro *a* estimula a ele mesmo a emitir o mesmo canto que o pássaro *a* emite. Há pouca ou nenhuma evidência convincente de que qualquer fase da conduta de um animal seja um estímulo direto para qualquer outro ato em um mesmo modelo. Um animal estimulando a si mesmo às mesmas expressões que ele provoca em outro animal não consiste em imitação, muito embora isto represente um grande negócio que se considera como imitação. Isto somente poderia ocorrer sob a condição enfatizada: a de que o estímulo deveria agir sobre o animal em si da mesma maneira como a que agiria sobre o outro animal, e esta condição é preenchida no caso do gesto vocal. Certos pássaro, tais como o pássaro mimo, com efeito reproduzem os cantos conectados de outros pássaros; e um pardal preso em uma gaiola com uma canário pode reproduzir a melodia deste. A instância desta reprodução do gesto vocal com o qual estamos mais familiarizados é aquela da performance dos pássaros falantes. Nestes casos as combinações dos elementos fonéticos, que chamamos de palavras, são reproduzidos pelos pássaros, assim como o pardal reproduz a melodia dos canários. Trata-se de um processo interessante da perspectiva de que pode ser aplicado sobre o aprendizado por parte de uma criança da língua que ouviu. Isto enfatiza a importância do gesto vocal, como possivelmente estimulando o indivíduo a responder a si mesmo. Enquanto isto é essencial para reconhecer que a resposta do animal aos seus próprios estímulos pode apenas ocorrer onde há impulsos buscando expressão liberada por estes estímulos, a importância do gesto vocal como um ato social que é endereçado ao próprio indivíduo, assim como aos outros indivíduos, será considerada como enorme.

Aqui no campo de comportamento nos deparamos com uma situação em que o indivíduo pode afetar a si mesmo da maneira como a situação afeta outros indivíduos, e pode, assim, responder a esse estímulo como responderia ao estímulo de outros indivíduos; em outras palavras, a situação emerge aqui de maneira que o indivíduo pode tornar-se um objeto em seu próprio campo de comportamento. Isto corresponderia a primeira condição para o aparecimento da mente. Mas esta resposta não ocorrerá a menos que haja reações respondendo a esses auto-estímulos que avançarão e reforçarão a conduta individual. Tão impactante quanto sejam os gestos vocais semelhantes no assobiar dos pássaros de ambos os sexos, assim dará expressão a outros cantos o excitação que eles provocam e, por seu turno, potencializará o excitação. Um animal, que é provocado pelo rosnar de um rival a atacar, pode expressar um rosnar semelhante que estimula a atitude hostil do primeiro animal. Este rosnado, de qualquer modo, pode agir de volta sobre o próprio animal e provocar uma disputa renovada de excitação que redundará em rosnar ainda mais alto. O galo que responde ao canto de outro galo pode estimular a si mesmo a responder ao seu

próprio galo. O cão que ladra para a lua provavelmente não continuaria seu ladrar se não estimulasse a si mesmo pelos seus próprios uivos. Tem-se percebido que pombos pais excitam-se reciprocamente no cuidado dos jovens através de seus arrulhos. Tanto quanto estes sinais afetam os outros pássaros, eles têm a tendência de afetar o pássaro que os emite da mesma forma. Aqui encontramos situações sociais em que a preparação para o ato sexual, para o encontro hostil, e para o cuidado dos jovens, é avançada pelos gestos vocais que atuam de volta no animal que os emite, produzindo o mesmo efeito de prontidão para a atividade social que eles produzem sobre os indivíduos para quem eles são imediatamente endereçados. Se, por outro lado, o gesto vocal provocasse uma reação diferente na outra forma, que encontrasse expressão em um gesto vocal diferente, não haveria tal reforço imediato do gesto vocal. O sinal paterno que provoca o sinal da forma infantil, ao menos que provocasse no pai a resposta da criança para novamente estimular o sinal paterno, não estimularia o pai a repetir o seu próprio gesto vocal. Esta complicação emerge no caso de pais humanos, mas presumivelmente não nas relações entre pais e filhotes em formas mais baixas que a humana.

Nessas instâncias reconhecemos situações sociais em que a conduta de uma forma afeta aquela de outra forma ao acarretar atos nas quais ambas estão engajadas. Estes são atos em que os gestos e as atitudes correspondentes são tão semelhantes que uma forma estimula a si mesmo em relação ao gesto e à atitude do outro e, assim, re-estimula a si mesmo. Algumas vezes estimula a si mesmo. Em tal estágio o animal assume o papel do outro e enfatiza a expressão do seu próprio papel. Nas formas que citamos isto é possível apenas onde os papéis estão, até certo estágio de preparação para o ato social, mais ou menos idêntico. Esta ação não pertence, de qualquer forma, ao tipo de inibição a partir da qual a reflexividade emerge (muito embora em toda adaptação de indivíduo à ação do outro deva haver alguma inibição), tampouco envolve tal variedade de atitudes como é essencial para a análise e para a representação. Também não é a ausência de variedade na atitude (por 'atitude' me refiro à adaptação do organismo envolvido em um impulso preparado para a expressão) causada pela ausência de complexidade na conduta. Muitos dos atos destas formas mais baixas são tão altamente complexas como muitos atos humanos que são reflexivamente controlados. A distinção é aquela que expressei na distinção entre instinto e impulso. O instinto pode ser altamente complexo, por exemplo, a preparação da vespa para vida larval que eclodirá do ovo posto em suas celas fabricadas; mas os elementos diferentes de todo este complexo processo estão tão firmemente organizados conjuntamente que uma falha em qualquer ponto frustra o empreendimento por inteiro. Isto não permite que as partes do todo estejam livres para uma recombinação em outras formas. Impulsos humanos, com efeito, são geralmente suscetíveis para ajustar tais análises e recombinações na presença de obstáculos e de inibições.

Há uma circunstância que não está conectada, penso, com o caráter separável do ato humano. Refiro-me às experiências de contato que ocorrem ao humano mediante suas mãos. As experiências de contato da maioria das formas vertebradas mais baixas que a humana representam a completude dos seus atos. Na luta, no processo de alimentação e no processo sexual, na maioria das atividades de paternidade e infância, de ataque, de fuga para um lugar de segurança, de busca por proteção contra o calor e o frio, de escolha por um lugar onde dormir, o contato é coincidente com o objetivo do instinto; enquanto mãos com dedos oferecem um contato intermediário que é muito mais rico em conteúdo que aquele das mandíbulas ou das patas de animais. Os implementos humanos são elaborações e extensões de suas mãos. Estas possibilitam ainda outros e bastante mais variados contatos que repousam entre os inícios e as conclusões dos empreendimentos humanos. E a mão, obviamente, inclui nesta consideração não apenas o membro em si, mas sua coordenação indefinida através do sistema nervoso central com outras partes do organismo. Isto é de

peculiar importância para as considerações da separabilidade das partes do ato, porque nossas percepções incluem a imaginação dos contatos que a visão ou algum outro sentido de distância promete. Vemos coisas duras ou macias, ásperas ou suaves, grandes ou pequenas de acordo com uma escala de medidas próprias, quente ou frio, e molhado ou seco. É este contato imaginado que faz o objeto visto um objeto real. Estes contatos imaginados são, contudo, de grande importância no controle da conduta. A imaginação de contatos variados pode significar objetos variados, e objetos variados significam respostas variadas. Novamente devo enfatizar o fato de que esta variedade existirá na experiência apenas se houver impulsos respondendo a esta variedade de estímulos e de expressões em busca de realização. De qualquer forma, os contatos manuais do humano, intermediados entre os inícios e as conclusões de seus atos, oferecem uma multidão de estímulos diferentes para uma multidão de formas diferentes de realizar as coisas, e, assim, convidem impulsos alternativos a expressarem a si mesmos na execução do ato humano, quando obstáculos e percalços emergem. As mãos humanas têm servido grandemente para superar instintos fixos ao lhe oferecer um mundo cheio de numerosos objetos.

Retornando agora para o gesto vocal, permitam-me registrar outra forma da espécie humana que tem sido de grande importância no desenvolvimento da peculiar inteligência humana – seu longo período de infância. Não me refiro à vantagem que Fiske insiste haver na infância, as oportunidades que decorrem de uma maturidade tardia, mas à parte que o gesto vocal desempenha no cuidado da criança pelos progenitores, especialmente pela mãe. Os elementos fonéticos, a partir dos quais mais tardiamente a fala articulada é construída, pertencem às atitudes sociais que provocam atitudes de resposta nos outros juntamente com seus respectivos gestos vocais. O choro de medo da criança pertence à tendência de fugir em direção aos progenitores, e os sinais encorajadores destes é parte do movimento em direção à proteção. Este gesto vocal de medo provoca os correspondentes gestos de proteção.

Há dois interessantes tipos humanos de conduta que semelhantemente resultam deste tipo de relação entre criança e progenitores. De um lado encontramos o que tem sido definido a imitação da criança, e de outro lado a resposta simpática dos progenitores. A base de cada um desses tipos de conduta pode ser encontrada no estímulo individual a si mesmo em responder da mesma forma em que o outro lhe responde. Como temos visto, isto é possível se duas condições são preenchidas. O indivíduo deve ser afetado pelo estímulo que afeta o outro, e afetado através do mesmo canal sensorial. Este é o caso com o gesto vocal. O som que é emitido atinge a audição do indivíduo emissor da mesma forma fisiológica em que atinge a audição da pessoa endereçada. A outra condição é que deveria haver um impulso buscando expressão no indivíduo que emite o som, que é funcionalmente da mesma forma que aquele para o qual o estímulo responde no outro indivíduo que ouve o som. A ilustração mais familiar para nós é aquela de uma criança chorando e então emitindo o som tranquilizante que pertence à atitude progenitora de proteção. Este tipo infantil de conduta tardiamente é incluído nas incontáveis formas de performance em que a criança assume os papéis dos adultos sobre ela mesmo. O hábito universal comum de brincar com bonecos indica como a prontidão para a expressão, na criança, é a atitude dos progenitores, ou talvez se devesse dizer, algumas das atitudes dos pais. O longo período de dependência do filhote humano, durante o qual seu interesse centra-se em suas relações com aqueles que cuidam dele, oferece uma oportunidade considerável para o jogo repetitivo deste tipo de performance de emulação dos papéis dos outros. Onde o jovem animal de formas mais baixas muito rapidamente encontra a si mesmo respondendo diretamente ao estímulo apropriado para a conduta do adulto da sua espécie, com atividades instintivas que são prontamente maturadas, a criança dirige por um período considerável sua atenção para o ambiente social produzido por uma família

primitiva, buscando apoio e nutrição, calor e proteção através de seus gestos – principalmente de seus gestos vocais. Estes gestos inevitavelmente devem provocar nele mesmo a resposta paterna que é marcadamente pronta para a expressão tão cedo na natureza da criança, e esta resposta incluirá o gesto vocal paterno correspondente. A criança estimulará a si mesmo a produzir os sons que ele estimula os pais a fazer. Da mesma forma que a situação social em que a criança reage é determinada por seu ambiente social, aquele ambiente determinará que sons a criança produzirá e, assim, que respostas ela estimula tanto em si quanto nos outros. A vida em seu entorno indiretamente determinará que respostas paternas a criança produz em sua conduta, mas o estímulo direto para a resposta do adulto será inevitavelmente encontrada em seus próprios apelos infantis. Para o estímulo do adulto a criança responde como tal. Não há algo nestes estímulos que provoque uma resposta adulta. Mas, da mesma forma que a criança presta atenção aos seus próprios apelos infantis, será a resposta adulta que ocorrerá – mas ocorrerá apenas em caso de que algumas fases destes impulsos adultos estejam nele prontos para expressão. É, obviamente, a incompletude e a relativa imaturidade destas respostas adultas que dá à conduta da criança um dos traços peculiares associados ao desempenho de papéis na brincadeira. O outro tipo de conduta é que a criança pode estimular a si mesmo para estas atividades. No jogo de crianças jovens, mesmo quando elas brincam juntas, há evidências abundantes da performance de diferentes papéis por parte da criança no processo; e uma criança solitária manterá o processo de estimular a si mesmo através de seus gestos vocais a agir em diferentes papéis quase que indefinidamente. O jogo do jovem animal de outras espécies não apresenta esta característica de estimular a si mesmo e exibe muito mais maturidade de respostas instintivas do que é encontrado nas primeiras brincadeiras das crianças. É evidente que a partir de tais condutas, a partir do endereçamento do próprio self e ao responder com a resposta apropriada do outro, a ‘autoconsciência’ emerge. A criança, ao longo deste período de infância cria um fórum em que assume vários papéis, e o self da criança é gradualmente integrado a partir desde atitudes socialmente diferentes, sempre retendo a capacidade de endereçar a si mesmo e de responder a este endereçamento com uma reação que pertence em certo sentido ao outro da relação. A criança adentra o período adulto com o mecanismo da mente.

A atitude que caracterizamos no adulto como de simpatia emerge desta mesma capacidade de desempenhar o papel da outra pessoa com quem ele está socialmente implicado. Não está incluído na resposta direta de ajuda, apoio e proteção. Este é um impulso direto, ou em formas mais baixa, um instinto direto, que não é de todo incompatível com o exercício de instintos opostos na ocasião. As formas progenitoras podem, no ato ocasional, - na mais ordinária forma paterna, e com uma aparente falta de coração, - destruir e consumir sua descendência. A simpatia sempre implica que um indivíduo estimula a si mesmo no sentido da sua assistência e consideração pelos outros assumindo, em certos estágios, a atitude da pessoa a quem ele acompanha. O termo comum para este fenômeno é ‘colocar-se a si mesmo no lugar do outro’. Isto é presumivelmente um tipo humano de conduta, caracterizada por esta involução de estimular o próprio self no sentido de uma ação de resposta tal como os outros da relação respondem. Como veremos, este controle da conduta individual, através do responder como o outro responde, não se limita às condutas gentis. Tendemos a reservar o termo ‘simpático’, de qual forma, para aqueles atos e atitudes gentis que são os laços vinculantes essenciais na vida de qualquer grupo humano. Concordemos ou não com McDougall em sua afirmação de que o traço fundamental de ternura que caracteriza o que definimos como humano tem suas fontes nos impulsos paternos, não pode haver dúvida de que a atitude fundamental de oferecer apoio em várias formas aos outros assume seu exercício mais significativo na relação com crianças. A impotência em qualquer forma nos reduz a crianças, e provoca a resposta



paterna nos outros membros da comunidade a qual pertencemos. Todo avanço no reconhecimento de um agrupamento social mais amplo se assemelha ao reino do paraíso; podemos adentrá-lo apenas como crianças pequenas. O adulto humano já adentrou a sociedade através da porta da infância com um self de algum tipo, um self que se desenvolve pela performance de vários papéis; o adulto volta-se para suas próprias crianças, contudo, com o que definimos por 'simpatia'; mas a mãe e o pai exercitam esta atitude mais constantemente em suas respostas paternas. As atitudes paternas, assim como as atitudes infantis, servem antes de tudo o propósito de estimular a si que percebemos nos pássaros, e, então, enfatizam respostas valiosas, mas, de forma secundária, estas atitudes provêm o mecanismo da mente.

A mais importante atividade da mente que pode ser identificada no comportamento é a de ajustamento de impulsos conflitantes de maneira que estes possam expressar-se a si mesmos harmoniosamente. Recordando a ilustração já utilizada, quando o impulso de ir em frente por alimento ou repouso é posto em xeque por um impulso de recuar diante de uma declividade acentuada, a mente, então, organiza estas tendências mutuamente excludentes de modo que o indivíduo avance por um desvio, tanto indo adiante quanto escapando do perigo da descida. Isto não é realizado mediante uma reorganização direta dos processos mobilizadores. O processo mental não é o de reajustamento de um mecanismo interior, um rearranjo de molas e alavancas. O controle sobre o impulso repousa unicamente no deslocamento de atenção que traz outros objetos ao campo da estimulação, liberando outros impulsos, ou em uma ressignificação dos objetos que os impulsos expressam a si mesmo em um esquema temporal diferente ou com adições e subtrações. Este deslocamento de atenção novamente encontra sua explicação no atuar de tendências que anteriormente não estavam imediatamente em ação. Estas tendências nos tornam sensitivos aos estímulos que não estão no campo da estimulação. Mesmo estímulos subitamente poderosos agem sobre nós porque estão presentes em nossas elaborações de respostas de súbita retirada ou de ataque no processo de tal estimulação. Como já pontuado, na conduta de formas mais baixas tais conflitos conduzem à comutação de um tipo de reação para outro. Nestes animais os impulsos são tão firmemente organizados em instintos fixos que alternativas de reação repousam unicamente entre um hábito congênito e outro. Posto em outros termos, o indivíduo instintivo não pode superar seus objetos e reconstruir sua conduta através do ajustamento para um novo campo de estimulação, uma vez que suas reações organizadas não podem ser separadas para vir juntamente dispostas, em seguida, em novas combinações. O problema mecânico da mente, então, se situa em assegurar um tipo de conduta emergente do indivíduo biológico que dissociará os elementos das nossas respostas organizadas. Tal desmembramento de hábitos organizados trará a um campo de percepção todos os objetos que respondem aos diferentes impulsos que fizeram os hábitos fixos.

Desta perspectiva que desejo considerar a conduta social em que o self tem entrado como um fator integral. Da mesma forma que meramente enfatiza certas reações através da auto-estimulação, como no caso do cortejo dos pássaros, esta perspectiva não introduz um novo princípio de ação. Isto porque nestes casos o self não está presente como um objeto em direção ao qual uma atitude é assumida como em direção a outros objetos, e que é sujeita aos efeitos da conduta. Quando o self se torna um objeto a ser transformado e direcionado como outros objetos são afetados, ali claramente aparecem sobre as respostas impulsivas imediatas uma maneira de conduta que pode concebivelmente tanto analisar o ato mediante o deslocamento de atenção para onde nossas várias tendências de agir a direcionam, quanto podem permitir a representação mediante a extensão da imaginação dos resultados de várias reações, ao invés de permitir esta imaginação para simplesmente entrar na apresentação ou na percepção destes objetos. Tal direcionamento reflexivo da

atividade não é a forma em que a inteligência primeiramente aparece, tampouco é esta sua função primitiva. Sua mais primitiva função, no caso da criança, é o efetivo ajustamento para a pequena sociedade sobre a qual a criança tem que depender por tão longo tempo. A criança é por um longo tempo dependente de humores e atitudes emocionais. Quão rapidamente ela ajusta a si mesmo a estas atitudes e humores é uma contínua surpresa. Ela responde a expressões faciais mais prontamente que à maioria dos estímulos e respostas com expressões apropriadas, antes de produzir respostas que consideramos significantes. A criança vem ao mundo altamente sensitiva em relação ao chamado ‘gesto mímico’, e ela exercita sua inteligência primitiva em sua adaptação ao seu ambiente social. Se a criança é congenitamente destituída do gesto vocal que a afeta da forma que afeta aos outros da relação, e esta perda não é logo cedo reparada mediante outros sentidos de comunicação que em princípio seguem o mesmo procedimento daquele da comunicação vocal, a criança, então, é confinada aos seus sentidos instintivos de ajustamento em relação àqueles em seu entorno, e vive uma vida dificilmente acima daquela dos animais inferiores – com efeito, abaixo da deles, em razão da ausência, nesta criança, das variadas reações instintivas de que os animais dispõem em relação ao mundo físico e social que os afetam. Como temos visto, na criança normal o gesto vocal provoca nela mesmo as respostas dos seus iguais, através da estimulação do seu próprio impulso paterno que eles provocam e mais tardiamente de outros impulsos que na forma infantil deles estão começando a amadurecer em seus sistema nervosos central. Estes impulsos encontram a expressão deles primeiramente em sinais de voz e então em combinações de elementos fonéticos que se tornam fala articulada, assim como eles fazem no gesto de pássaros falantes. A criança tem se tornado, através de seus próprios impulsos, um progenitor para si mesmo. O mesmo processo seletivo, que a conduz a usar os elementos fonéticos da fala sobre ela mesmo, a conduz a usar os tipos gerais de atitudes daqueles outros relacionais em torno dela, não mediante emulação direta, mas através de sua tendência a provocar em si mesmo, em qualquer situação, a mesma reação que provoca nos outros. A sociedade que determina estas situações, obviamente, determinará não apenas as réplicas diretas da criança, mas também aquelas repostas adultas, no interior dele mesmo, que suas réplicas provocam. Da mesma forma que a criança expressa estas respostas, primeiramente na voz e mais tarde na performance, ela está assumindo vários papéis e endereçando a si mesmo em todos eles. A criança está situando a si mesma em sua brincadeira para mais tarde assumir as atividades adultas, e, entre os povos primitivos, este é praticamente todo o treinamento que a criança recebe. Mas ela está fazendo muito mais que isso: a criança está construindo gradualmente um self definido que se torna o mais importante objeto em seu mundo. Como um objeto, este é primeiramente a reflexão das atitudes dos outros em relação a ele. De fato, a criança neste período primitivo geralmente se refere ao seu próprio self na terceira pessoa. Ele é uma composição de todos os indivíduos a quem ele se direciona quando assume os papéis daqueles em seu entorno. Somente gradualmente que o self assume uma forma suficientemente clara para tornar-se identificada com o indivíduo biológico e revesti-lo com uma perceptível personalidade que definimos como autoconsciência. Quando o self assume o lugar, a criança coloca a si mesmo na posição de discorrer sobre o que ela está fazendo e o que ela pretende fazer da perspectiva de qualquer um dos papéis que a chamada ‘conduta imaginada’ o encontra portando. Da mesma forma que estes papéis diferem entre si, o empreendimento tem um aspecto também distinto, e elementos diferentes no campo dos objetos em torno da criança se destacam, respondendo aos seus próprios impulsos. Se não pode ser dito ainda que a criança está pensando, ela dispõem ao menos do mecanismo do pensamento.

Faz-se necessário enfatizar a grande extensão entre a vida direta imediata da criança e este self crescendo em sua conduta. O self é quase que imposto de fora. A criança pode

passivamente aceitar o indivíduo que o grupo em seu entorno lhe atribui como ele mesmo. Isto é muito diferente do indivíduo biológico apaixonadamente assertivo que ama e odeia, abraça e ataca. O indivíduo jamais é um objeto; sua é uma vida de sofrimento direto e de ação. Neste ínterim, o self que está se desenvolvendo tem tanta realidade, e se apresenta tão pequeno, quanto os papéis com que a criança brinca. Documentos interessantes sobre este self primitivo podem ser encontrados nas chamadas ‘companhias imaginárias’ com as quais muitas crianças confessadamente, e todas as crianças implicitamente, acompanham a si mesmas. Elas são, obviamente, as respostas imperfeitamente personificadas na criança pra a sua própria estimulação social, mas que tem mais relevância íntima e duradoura em sua vida lúdica do que outros relacionais do clã sombrio. Quando a criança completa o ciclo do mundo social para o qual ela responde e cujas ações ela estimula a si mesmo a produzir, ela tem completado, de alguma forma, seu próprio self em direção ao que todas estas atividades lúdicas podem ser endereçadas. Isto é uma realização que anuncia em si a passagem de uma forma primitiva de brincar (play) para uma forma de jogo interativo (game), tanto os competitivos quanto os mais ou menos dramáticos jogos interativos, em que a criança adentra como uma personalidade definida que mantém a sua individualidade através da relação. O seu interesse passa da estória, do conto de fadas, do conto folclórico, para as justificativas conectadas em que ela pode sustentar uma identidade simpática com o herói ou com a heroína no desenrolar dos eventos. Isto envolve não somente um self mais ou menos definitivamente organizado da perspectiva daqueles em seu entorno, cujas atitudes ele emula, mas envolve, mais além, uma interrelação funcional deste self-objeto com o indivíduo biológico em sua conduta. Suas reações agora são não simplesmente a resposta direta aos objetos sociais e físicos em seu entorno, mas são também para o seu self que tem se tornado um objeto de momento continuamente crescente. O self é construído de respostas sociais aos outros da relação primeiramente considerados através dos olhos deles na medida em que a criança assume seus papéis. Contudo, a criança vem a considerar-se como um companheiro de brincadeira que deve dividir seus brinquedos com outras crianças se pretende mantê-las como companheiras de brincadeira. Isto a compele a ver outros elementos nos objetos lúdicos ao lado da atração imediata deles para o seu impulso de brincar e para o seu impulso de possessão. O objeto lúdico tornar-se um objeto composto; não é apenas aquilo que dá expressão aos seus próprios impulsos, mas algo que mantém com a criança os amigos queridos. Seus hábitos de resposta são reconstruídos e a criança se torna um animal racional. A reconstrução ocorre involuntariamente quando a criança reconhece as diferentes configurações nos objetos em seu entorno, de modo que estes forcem a sua atenção a perceber-se como um self. Mas, quando o self se trona efetivamente organizado, o mesmo oferece a técnica que auxilia a criança a portar-se nas situações que ela mesma cria. Disto resulta uma suave interação entre o indivíduo biológico e o self. Todas as condutas que se apresentam como dificuldades são canalizadas para esta forma reflexiva. O sujeito é o indivíduo biológico – nunca presente na cena, e este self ajustado para o ambiente social, e através deste para o mundo mais amplo, é o objeto. É verdade que o sujeito na conversação entre os dois papéis assume agora este papel e depois aquele. Estamos familiarizados com isto nos processos mentais que carregamos na forma de uma discussão com outro indivíduo. Não pouco frequentemente alguém põe os argumentos que ele deseja encontrar na boca de algum advogado desta ideia. É o argumento que o apoiador da doutrina oferece que aparece no pensamento; e quando alguém o replica, é a réplica que ele faria que provoca a próxima resposta. Contudo, muito embora a voz seja a voz de outrem, a fonte de tudo isto é o self individual – o grupo organizado de impulsos que tenho chamado de indivíduo biológico. Ele não adentra o campo de sua própria visão. Mas, da mesma forma que ele pode endereçar a si

mesmo, e provocar uma resposta, o self e sua resposta se tornam um objeto, como temos visto.

Faz-se necessária outra distinção aqui, uma vez que a experiência é sutil em seu extremo. No estágio que consideramos, aquela da criança pequena, o papel do outro, que ela desempenha, é tomado sem reconhecimento. A criança é consciente de sua responsabilidade em relação ao papel, não do papel que ela assume. É somente a experiência interior tardia mais sofisticada que é consciente do caráter sob o qual o 'Eu' invisível adentra a cena, e, então, apenas através de uma configuração deve ser mais tardiamente apresentado. O meio de interação entre o sujeito e o objeto é o gesto vocal com a imaginação que se reúnem sobre a interação, mas este gesto vocal é apenas parte de um ato social. Ele representa o ajustamento em relação a um ambiente, na atitude de alguma ação aberta. A ação é, de qualquer forma, indicada para o self pelo gesto, e o self como outro ente social através de seus gestos assume a atitude de respostas variadas – a conversação de gestos que tenho descrito na conduta de animais. Para esta atitude e seus respectivos gestos o indivíduo biológico, o sujeito, replica novamente; mas sua réplica é para o self, enquanto as respostas do self não são dirigidas ao sujeito, mas em direção à situação social envolvida na atitude que a provocou. Expresso em nosso pensamento adulto, esta é a distinção entre a ideia que vem à nossa mente (a ideia que nos ocorre), e sua relação como mundo, da qual, como objetos, somos uma parte. Isto é o que a criança está preparando para fazer e as atitudes que assumirá em consequência. Ela começa a fazer algo e encontra a si mesmo nas fases iniciais do processo objetando e assumindo outros engajamentos. Em certo sentido a criança está testando seus empreendimentos através do meio da comunicação com um self. Contudo, o indivíduo biológico se torna essencialmente inter-relacionado com o self, e os dois vão produzir a personalidade da criança. É esta conversação que constitui o mais primitivo mecanismo da mente. Soma-se a isto o material da percepção e da imaginação que estão envolvidos nas ações que estes gestos iniciam. Em particular, a imaginação dos resultados das ações pressagiadas se torna de peculiar interesse. Como temos visto, esta imaginação adentra diretamente o objeto sob condições de ação direta. Na presença de atividades alternativas, de algum modo em competição recíproca, esta imaginação do resultado dos atos é, por ora, dissociada dos objetos e serve para verificar e solicitar reajustamentos.

Tenho registrado duas perspectivas a partir das quais a imaginação pode ser considerada. A imaginação está ali, como as percepções estão ali; e como as percepções, a imaginação pode ser definida em termos de sua relação ao organismo fisiológico; mas enquanto as percepções consistem predominantemente em uma expressão de uma relação imediata entre o organismo e seu campo de objetos, a imaginação representa um ajustamento entre um organismo e um ambiente que não está ali. No caso de que a imaginação seja fundida com os outros conteúdos da percepção, a mesma estende e preenche o campo de objetos. Da mesma forma que a imaginação não adentra o ambiente imediato, esta apresenta material para o qual uma forma instintiva pode ter pouco ou nenhum uso. A imaginação pode servir para estas formas mais baixas como pode nos servir, para selecionar objetos que não podem ser imediatamente detectados; mas como os objetos que entram no campo da percepção responde aos hábitos organizados, e desde que uma forma instintiva não pode reconstruir seus hábitos congênitos, as imagens podem dificilmente servir a função que elas desempenham na mente humana, a de reconstrução tanto de objetos quanto de hábitos. Esta função mais tardia é um desenvolvimento da função da imagem em preencher o objeto, ao situar na dimensão do que pode ser percebido através de sentidos distantes – tais como a visão e a audição – o conteúdo do contato que a aproximação atual ao objeto revelará. Sua função central na reflexividade é a de determinar qual curso de ação deve ser perseguido mediante a apresentação dos resultados de cursos

diferentes. Esta é a função que inevitavelmente enfatiza o conteúdo da imaginação, quando a reação se torna dependente do resultado imaginado do processo. E tal ênfase pressupõe algo para além desta distinção e de sua função. Isto implica uma localização e uma identificação definida da imaginação aparte da sua fusão com outros conteúdos no objeto. Temos visto que a imaginação ocorre na formação do passado e do futuro, e, por extensão, através dessas dimensões do ambiente imediato para além do alcance da percepção sensorial. De qualquer forma, antes desta localização poder se realizar, a imaginação permanece desorientada; e especialmente quando o passado e o futuro assumem maior resolução, a imaginação, que não se situa de imediato, necessita uma habitação local e é localizada na mente.

Em termos de uma psicologia behaviorista, o problema de iniciar a reflexividade é o de mostrar como na conduta imediata, deslocando a atenção, emergindo de impulsos variados, pode conduzir à reorganização de objetos de modo que os conflitos entre os impulsos organizados possam ser superados. Temos visto que a imaginação que adentra a estrutura dos objetos, e que representa o ajustamento do organismo aos ambientes que não estão lá, pode servir no sentido da reconstrução do campo objetivo. É importante apresentar mais completamente a parte que a atividade social do indivíduo mediada através do gesto vocal desempenha neste processo. Atos sociais deste tipo procedem cooperativamente, e os gestos servem para ajustar as atitudes de diferentes indivíduos dentro do ato completo em relação às atitudes e ações reciprocamente direcionadas. O choro da criança dirige a atenção da mãe em direção à sua localização e ao caráter de sua necessidade. A resposta da mãe direciona a criança para a mãe e para a assistência que ela é preparada para aceitar. Os chamados desafiadores de animais rivais, e os sinais de cortejo dos pássaros, servem a propósitos análogos. Estes gestos e as respostas imediatas a eles são preparações para uma atividade mútua que deve ocorrer mais tardiamente. O indivíduo humano, através de seus gestos e de sua própria resposta a eles, encontra a si mesmo no papel do outro relacional. Ele, assim, situa a si mesmo na atitude do indivíduo com quem ele deve cooperar. A conduta de crianças pequenas, que é tão fortemente direcionada, pode somente desenvolver-se em combinação com aquela de seus iguais mais velhos; e esta facilidade primitiva em performatizar os papéis dos outros lhes oferece o ajustamento necessário para esta atividade inter-relacionada. As proibições, os tabus, envolvem tendências conflitantes que aparecem em termos de comandos pessoais. Estes são os que se repetem como imaginação quando o impulso novamente emerge para realizar coisas proibidas. Onde um animal apenas escorregaria de volta de um local proibido, a criança repete a proibição no papel do progenitor. O que simplesmente entra no objeto, para torná-lo perigoso para o animal, constrói para a criança uma cena imaginária, desde que sua atitude social própria seja somada àquela atitude do outro relacional em sua própria resposta. O que era parte de um fluxo interrompido se torna agora um evento que precede a ruptura da lei ou a conformidade com a mesma.

O que a assunção de diferentes atitudes torna possível é a análise do objeto. No papel da criança a coisa é o objeto de um querer imediato. Este é simplesmente desejado. Aquilo que ocupa a atenção é esta resposta para o impulso de agarrar e de devorar. No papel do progenitor o objeto é tabu, reservado para outros tempos e pessoas, cujo desempenho provoca retribuição. A capacidade da criança para estar sendo o outro da relação situa estes caracteres do objeto ante ele mesmo em suas disparidades. O objeto não simplesmente aproxima e afasta a criança, como o faz com o cachorro bem comportado. É com este material que a criança dispõe de suas criações imaginárias: a mãe acalenta e remove o tabu, ou, quando o objeto é devorado, a criança escapa à atenção, ou mil coisas podem acontecer nas atividades dos diferentes personagens em cena, de modo que o objeto desejado pertence à criança e os elementos deste, como tabu, quando reconhecidos, falham

em provocar consequências terríveis. Ou a criança mais preocupada com o fato pode pegar e comer e encarar a consequência da chicotada como valendo a pena, muito embora afetando a união dos personagens conflitantes de forma heróica, mas ainda com a esperança persistente que o inesperado pode acontecer e que esconderá o ato, ou mudar a lei ou sua aplicação. Em uma palavra, a simpática emulação da atitude do outro traz ao jogo impulsos variados que direcionam a atenção para as configurações do objeto que são ignoradas na atitude da resposta direta. E as muito variadas atitudes assumidas mobilizam o material para a reconstrução do campo objetivo em que e através do qual o ato social cooperativo pode ocorrer, dando satisfatoriamente expressão a todos os papéis envolvidos. É esta análise e a reconstrução que se tornam possíveis pelo aparato de gesto vocal, com seu equipamento orgânico associado. É neste campo que o fluxo contínuo rompe em séries ordenadas, na relação de passos alternativos conduzindo a algum evento. O tempo, com seus momentos distinguíveis, participa do campo objetivo, em termos gerais, com os intervalos necessários para deslocar a cena e modificar os trajés. O indivíduo não pode ser o outro relacional e também ele mesmo exceto da perspectiva de um tempo que é composto de elementos inteiramente independentes.

É importante reconhecer como inteiramente social é o mecanismo de conduta reflexiva de crianças pequenas. A explicação repousa tanto no longo período de infância, de dependência necessária das condutas sociais do grupo familiar, e no gesto vocal, estimulando a criança a agir em direção a si mesmo como outros agem em direção à ela, e, assim, situando-a na posição de encara seus problemas das perspectivas, da mesma forma que pode assumi-las, ode todos aqueles envolvidos na interação. Não se deveria afirmar, contudo, que estas atitudes sociais da criança implicam a existência em sua conduta das personalidades completas daqueles cujas atitudes ela assume. Pelo contrário, a personalidade completa com a qual a criança encontra a si mesma ultimamente revestida e que ela encontra nos outros da relação é a combinação do self e dos outros. Como objetos sociais, os outros com quem a criança brinca são incertos em seus contornos e sombrios em suas estruturas. O que é claro e definido nas atitudes da criança é a reação em cadê papel, aquele do self ou aquele do outro. A vida primitiva da criança é aquela de atividades sociais, incluindo sua estimulação reflexiva e respostas, em um campo em que tanto os objetos sociais quanto os meramente físicos não tem ainda emergido com precisão. É um grande erro superestimar o caráter social destes processos, pois no animal humano este fator social também significa a complicação de possíveis auto-estimulações. A reação do animal humano em direção ao outro, em que o gesto desempenha uma influência que pode afetar o primeiro indivíduo como o outro o faz, tem um valor que não pode ser associada às respostas instintivas ou impulsivas em relação aos objetos, indiferente se estas são outras formas vivas ou meramente coisas físicas.

Tal reação, mesmo com a sua auto-reflexão apenas implicitamente considerada, deve ser ainda mais acentuadamente distinguida de nossas reações às coisas físicas, em termos de nossa moderna atitude científica. Tal mundo científico não existia na experiência primitiva e menos sofisticada do humano. Isto é um produto do moderno método científico. Não é encontrado na criança não sofisticada ou no humano não sofisticado, e ainda assim muitas psicologias tratam a experiência de reações da criança em relação aos ‘objetos físicos’ em seu entorno como se estes objetos fossem para a criança o que elas são para o adulto. Há muita evidência interessante desta diferença na atitude do humano primitivo em direção ao seu ambiente. O humano primitivo tem a mente da criança – com efeito, da criança pequena. Ele aborda seus problemas em termos de uma conduta social – a conduta social em que há esta auto-reflexividade que tem sido objeto da discussão. A criança consegue suas soluções para aquilo que, da nossa perspectiva, são problemas inteiramente físicos, como o de transporte, movimento de coisas, e outros semelhantes,

através de sua reação social em relação àqueles em seu entorno. Não é simplesmente porque a criança é dependente, e deve prestar atenção àqueles de cuja assistência ela necessita em seus períodos iniciais de infância, mas, ainda mais importante, porque seu processo primitivo de reflexividade é ainda de mediação de um processo social cooperativo através dos gestos vocais. O indivíduo humano pensa antes de tudo inteiramente em termos sociais. Isto significa, como enfatizei acima, não que a natureza e objetos naturais são personalizados, mas que as reações da criança à natureza e seus objetos são reações sociais, e que suas respostas implicam que as ações de objetos naturais são reações sócias. Em outras palavras, da mesma forma que a criança pequena age reflexivamente em direção ao seu ambiente físico, ela age como se este estivesse lhe ajudando ou lhe causando dificuldades, e suas respostas são acompanhadas por expansividade amistosa ou por raiva. Este é uma atitude da qual há mais que vestígios em nossa experiência sofisticada. Isto é talvez mais evidente nas irritações contra a total depravação de coisas inanimadas, em nossa afeição por objetos familiares de emprego constante, e na atitude estética em direção à natureza que é a fonte de toda poesia natural. A distinção entre esta atitude e aquela da personificação é aquela entre a atitude de culto primitivo e a atitude mais tardia do mito, entre o período de Mana, de magia em sua forma primitiva, e o período dos deuses. A essência do processo reflexivo nesta fase é que através de atitudes amistosas ou hostis as dificuldades são superadas... [Manuscrito incompleto].

